



Desafios e resistências nas transformações urbanas: a preservação do patrimônio industrial na área do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Ana María Sosa González

anasosagonzalez@gmail.com

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul - PUCRS. Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

 <https://orcid.org/0000-0001-7249-4618>

Darlan De Mamann Marchi

darlanmarchi@gmail.com

Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Bolsista CAPES/BRASIL.

 <https://orcid.org/0000-0002-6125-857X>

 10.28998/rchv14n27.2023.0004

Recebido em 20/05/2023

Aprovado em 15/06/2023



Desafios e resistências nas transformações urbanas: a preservação do patrimônio industrial na área do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMO:

O artigo aborda a relação entre a cidade, seus espaços e as transformações contemporâneas. Antigas zonas industriais e portuárias têm enfrentado a privatização de espaços públicos e a marginalização das populações locais. A patrimonialização e a revitalização desses lugares muitas vezes exclui a participação comunitária, banalizando o passado e resultando em segregação social no presente. A rentabilização de espaços históricos leva a um lazer padronizado e mercantilizado, com limitações ao acesso público. Nas últimas décadas, movimentos de ocupação e coletivos culturais têm oferecido resistência, buscando alternativas de convívio diverso nas cidades submetidas à lógica neoliberal. Esse quadro mais geral é base para o estudo de caso referente às transformações do bairro do Porto, em Pelotas, desde a industrialização até a revitalização do lugar, com novos usos de edificações pela Universidade Federal de Pelotas e a recente reativação parcial do porto. A análise do espaço do antigo atracadouro, conhecido como “Quadrado”, revela diferentes usos e públicos, destacando a resistência dos jovens e dos moradores à privatização, além de abordar elementos das subjetividades e dos sentimentos dos frequentadores

PALAVRAS-CHAVES: cidades neoliberais; patrimônio industrial; Porto de Pelotas.

Challenges and resistances in urban transformations: the preservation of industrial heritage in the area of Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil.

ABSTRACT:

This work addresses the relationship between the city, its spaces, and contemporary transformations. Old industrial and port zones have faced the privatization of public spaces and the marginalization of local populations. The heritagization and revitalization of these places often exclude community participation, trivialize the past, and result in social segregation in the present. The monetization of historic spaces leads to standardized and commercialized leisure, with limitations on public access. In recent decades, occupation movements and cultural collectives have offered resistance, seeking alternative diverse forms of coexistence in cities subjected to neoliberal logic. This broader framework is the basis for the case study on the transformations of the Porto neighborhood in Pelotas, from industrialization to the revitalization of the area with new uses of buildings by the Federal University of Pelotas and the recent partial reactivation of the port. The analysis of the old dock space, known as "Quadrado," reveals different uses and publics, highlighting the resistance of young people and residents to privatization, as well as addressing elements of subjectivity and feelings of frequenters.

KEY-WORDS: neoliberal cities; industrial heritage; Porto de Pelotas.

Pensar nas mudanças dos espaços urbanos permite compreender melhor as cidades que habitamos e suas dinâmicas passadas e atuais. A maneira como foram desenvolvidos e ocupados esses lugares deve manter, de alguma forma, um vínculo entre aquele passado e o presente. Se isso não ocorre, há desconexão, e as rupturas e conflitos se intensificam, algo bastante comum em nossas cidades neoliberais. Políticas públicas que contemplem as necessidades do presente sem entrar em contradição, negação e/ou apagamento do passado parecem ser a forma mais adequada para uma preservação da herança cultural de outros tempos e a continuidade da vida do local no futuro. No caso que será apresentado neste artigo, a zona portuária e industrial de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, percebe-se que tais políticas não foram realizadas com o devido planejamento, o que constituiu um quadro complexo que envolve diferentes atores como moradores, juventude, Prefeitura, Universidade Federal, movimentos sociais e temas como violência, direitos sociais e culturais.

A presente reflexão baseia-se nas pesquisas desenvolvidas no projeto "História, memória e patrimônio industrial adquirido pela UFPel" e acrescenta as observações e descrições realizadas na região do Porto de Pelotas, para compreender as mudanças ao longo do tempo e as "novas" ocupações dos antigos espaços produtivos da cidade. Através de uma perspectiva fenomenológica e tendo como base uma metodologia etnográfica e fontes da imprensa local e também produzidas a partir da História Oral, conjuntamente com a análise de narrativas recolhidas em plataforma da internet e redes sociais (*TripAdvisor, Facebook e Instagram*), analisam-se as mudanças ocorridas no bairro do Porto para explicar os fenômenos sociais e econômicos de uma região de suma importância para a cidade e assim refletir sobre as maneiras como a cidade é habitada e percebida. Para isso, o embasamento teórico ocorre numa perspectiva interdisciplinar que perpassa pela História, Patrimônio Cultural, Antropologia e Psicologia Social.

As observações do espaço público foram realizadas no antigo atracadouro conhecido popularmente como "Quadrado", localizado no bairro do Porto em Pelotas, bairro que, desde as últimas décadas do século XIX até inícios da década de 1980, concentrou um importante número de indústrias, atraindo moradores e conseqüentemente acelerando o desenvolvimento urbano nessa zona da cidade. Tal lugar sofreu diversas transformações desde a sua construção em 1950, sendo hoje um conhecido espaço de lazer e convívio social da cidade, sobretudo da população jovem.

O artigo está dividido em três partes. A primeira trata das cidades neoliberais e da privatização do espaço público, debatendo como isso impacta na qualidade de vida das pessoas que vivem nos espaços urbanos atualmente. Na segunda escreve-se brevemente sobre a história do bairro, do desenvolvimento industrial da cidade e as posteriores transformações, focando na Vila Doquinhas e no Quadrado, buscando abordar as mudanças sofridas na localidade e sua relação com a sociedade pelotense. A terceira e última parte inclui as oito observações realizadas no local entre os meses de abril e junho de 2022, analisando os diferentes aspectos do Quadrado, para discutir os diversos públicos que frequentam o espaço e os usos que fazem dele. O objetivo é trazer uma análise crítico-reflexiva sobre as mudanças ocorridas e a situação atual, focando em temas como políticas para a juventude, repressão policial, resistência cultural e solidão no espaço público, entendendo que uma perspectiva integral que valorize o passado e o patrimônio industrial da zona poderia ser uma iniciativa para valorizar e preservar a memória (ainda viva) desse local, fortalecendo o sentimento de pertencimento e promovendo novos usos mais criativos e respeitosos do legado.

As lutas atuais pela ocupação e preservação dos lugares e edificações, juntamente com a memória dos processos produtivos e seu impacto no desenvolvimento da cidade e na rede de relações do entorno, são de extrema importância. Essas batalhas também levantam discussões sobre os propósitos da preservação do patrimônio em si. Para garantir melhor aproveitamento por parte da população, é essencial implementar políticas públicas adequadas para o uso e aproveitamento dessa região. Além disso, é necessário buscar maneiras de destacar o passado da produção industrial no presente, de forma que seja reconhecido como um legado valioso. Isso pode ser alcançado por meio de estratégias que promovam a divulgação desse legado e incentivem seu uso público. No entanto, em determinadas situações, quando essas medidas não são adotadas de forma planejada e democrática, a sociedade civil organizada se mobiliza em uma luta pela preservação e uso do local, como ocorreu no caso em estudo.

Cidades neoliberais: patrimônio industrial e a privatização do espaço público

A cidade é o lugar no qual materializamos e vivenciamos nossas potencialidades e contradições. Conforme Farias e Diniz (2018, p. 284), é na cidade que atuam as possibilidades de criar formas de habitar, de experimentar o mundo, ao passo em que também estão presentes as incoerências de nossas sociedades.

Diversos lugares na cidade, hoje tidos como espaços de lazer e convivência, são rearranjos de ambientes transformados em função da matriz econômica. Lugares que serviram como ambientes de trabalho, se constituíram no tecido da cidade enquanto bairros operários e zonas portuárias e tiveram seu apogeu até meados do século XX, e passaram por um período de obsolescência, têm sido reocupados para usos diversos. A matriz econômica industrial produziu lugares e ocupações nos territórios, e seu posterior enfraquecimento e abandono geraram espaços que, marcados pela falta ou continuidade de políticas públicas, tornaram-se ilhas urbanas marcadas por problemas sociais. Muitos desses lugares acabaram sendo ocupados por pessoas dependentes de álcool e drogas, pessoas em situação de rua e utilizados para moradia por grupos auto organizados sem acesso às políticas de habitação.

Além disso, em várias cidades portuárias, também temos visto iniciativas de ocupação neoliberal pautadas em valores econômicos e propostas culturais de ordem neoliberal, por meio da indústria criativa, restaurantes e readequação de edifícios e espaços industriais para instalação de universidades, espaços culturais, galerias de arte, museus, entre outros. O exemplo mais significativo em uma capital brasileira é o do "Projeto Porto Maravilha", no Rio de Janeiro, implementado em função da realização de grandes eventos internacionais na década de 2010, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. Esse projeto envolveu obras e alterações dentro de uma perspectiva neoliberal, com privatizações de espaços públicos, resultando no "sufocamento dos espaços vividos e das territorialidades das populações que habitam a área" (GIANELLA, 2013, p. 11).

Todo esse processo, desde a degradação de uma área até sua redescoberta com interesses políticos e econômicos, envolve a financeirização do espaço e os interesses de grupos imobiliários ou empresariais. Assim, ocorre um processo de redescoberta comercial desses lugares históricos, que apela para novos empreendimentos e para o turismo, transformando as cidades em cenários nos quais não há espaço para todos os grupos que as habitam.

As revitalizações dos espaços edificados, que muitas vezes são tidas como modos salutares e de valorização do passado e como forma de impulsionar a economia, também podem servir para a segregação social. O ato de tornar algo patrimônio de um lugar é sempre um ato de poder. Pode servir tanto para movimentos sociais que desejam garantir a preservação de um território, de seus costumes, de uma tradição, como para atender aos

interesses de grupos econômicos que desejam revitalizar esses lugares economicamente, acionando para isso valores intangíveis pautados em sentidos históricos, culturais e identitários. O patrimônio é emoção e conflito, e as decisões e jogos políticos em torno de sua preservação e reutilização fazem dele um "dispositivo no que diz respeito aos investimentos emocionais e passionais que o perpassam"¹ (FABRE, 2013, p. 50).

Desse modo, ao serem iniciados processos de patrimonialização em centros históricos e áreas portuárias de forma verticalizada, priorizando principalmente interesses econômicos e políticos, sem levar em consideração a participação da população local, esses lugares acabam sendo revitalizados, mas frequentemente se distanciam da comunidade que os habita. A ausência de participação social democrática nesses processos impede que esses espaços sejam vivenciados, experimentados e apropriados com um senso de pertencimento, transformando-os em meros objetos de admiração, veneração e consumo. Conseqüentemente, ocorre uma banalização e espetacularização do passado, resultando em um pastiche que não reflete mais a realidade local.

Nesse processo, há um projeto, nem sempre feito de forma explícita, de expulsar do espaço urbano central a presença dos "indesejáveis". Desloca-se da vista dos empreendedores os posseiros, os catadores de material reciclável, os dependentes químicos, as pessoas em situação de rua e de prostituição, forçando-os a se deslocarem para outras regiões periféricas. São Paulo é um exemplo de cidade na qual a financeirização dos espaços urbanos e a aporofobia operam como política de governo, uma política desumana que se materializa também na arquitetura urbana e nas ações das pessoas que detêm o poder econômico. Segundo João Leite Ferreira Neto (2004, p. 116-117),

A desigualdade estabelecida no capitalismo hodierno possui em terras brasileiras uma face rude. O espaço urbano materializa essa nova segregação, erguendo muros, portões e guaritas e demarcando uma privatização do espaço urbano. Práticas cotidianas estão também conectadas ao processo de segregação presente no modo de andar nas ruas, de fechar os vidros dos carros, ou no olhar sempre desconfiado para os estranhos. Novos arranjos urbanos associados à segregação, que constituem, ao mesmo tempo, novos modos de subjetivação. Medos, ódios, insensibilidades, indiferença. Novas maneiras de viver, sentir, perceber e interpretar os encontros na cidade. As classes média e alta passam a identificar o espaço público como perigoso e buscam organizar os encontros públicos por meio da seletividade e separação. A segregação torna-se, assim, complementar à violência urbana.

¹ Tradução dos autores. "Elle conduit à saisir le patrimoine comme dispositif, ce qui fait la part des investissements émotionnels et passionnels qui l'innervent".

A força policial é a resposta dada pelo poder público para o "controle social" sobre os "indesejáveis". Assistimos todas as semanas no noticiário brasileiro a situações em que as forças de segurança, que deveriam proteger os cidadãos, têm empreendido uma política de repressão, violência e morte, principalmente sobre as populações negras e periféricas. A violência policial também é um sintoma das cidades adoecidas. E, nesse sentido, os espaços de lazer na cidade também ficam limitados. Criam-se bairros planejados com segurança particular, ostentam-se arquiteturas milionárias com piscinas, praças, parques com acesso à paisagem natural, ao lado de favelas que não têm sequer saneamento básico. A praia, o rio, o campo só podem ser acessados por aqueles que podem pagar.

Os bairros históricos, os mercados públicos, os casarões coloniais e as indústrias desativadas são redescobertos e rentabilizados, com novas funções e nomes estrangeiros: *marketplace*, *coworking*, *parks*, espaços *gourmet*, *pubs* etc. Um lazer padronizado, mecanizado, com pessoas que se revestem da mesma forma, consomem as mesmas comidas, escutam as mesmas músicas e que podem pagar caro por isso. Para Farias e Diniz,

O próprio modo de vida urbano se torna intensamente mercantilizado, uma vez que a sociabilidade, o lazer, o prazer estético, cada vez mais se voltam para os espaços intramuros, ou são definidos nos balcões de agências culturais e de turismo. A privatização dos bens e serviços como segurança e transporte, além da negligência com os espaços públicos comuns são também marcas desse modelo. Como grande mercadoria, a produção da cidade é mediada pela criação de espaços de consumo, especialmente para as classes mais abastadas. Crescem os projetos de urbanização das orlas e de zonas centrais, criando grandes infraestruturas comerciais e promovendo a imagem da cidade globalmente (FARIAS e DINIZ, 2018, p. 287).

Essas intervenções de enobrecimento dos espaços urbanos impossibilitam projetos de intervenção sustentáveis, democráticos e planejados. São projetos patrimonializadores desconectados dos sentidos dos lugares para a população da cidade. Assim, essas ações de revitalização muitas vezes também acabam enfraquecendo-se com o tempo e sendo palco de esvaziamento e deterioração, produzindo o que Leite e Peixoto (2009, p. 95) chamaram de "contrarrevanchismo", ou seja, com o insucesso desse projeto, que era uma espécie de "revanche" dos poderes políticos e econômicos para a saída dos grupos "indesejáveis", vê-se o retorno daqueles que foram expulsos e que não tiveram acesso às políticas de valorização do lugar.

Esse modelo de cidade neoliberal e as (im)possibilidades de viver, se divertir e apreciar as cidades afetam em várias dimensões o uso do espaço público por moradores e visitantes. É na cidade que vivemos nossas vidas, nos deslocamos, trabalhamos, consumimos, amamos, rimos, choramos e morremos. Os movimentos de ocupação de imóveis, terrenos e prédios desocupados, apelando à função social da propriedade, como é feito pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), são um exemplo de resistência a esse modelo de cidade. O mesmo ocorre através das ocupações de edifícios públicos obsoletos ou contra projetos privatistas dos espaços públicos, por coletivos culturais auto organizados, como o que ocorreu no caso da área do antigo atracadouro, conhecido como Quadrado, no Porto de Pelotas.

Assim, nas cidades neoliberais, que são marcadas pela atomização causada pela ganância e pela desigualdade, é viável resistir por meio de alternativas que promovam a convivência da diversidade de culturas e subjetividades que as constituem? É isso que se busca debater adiante com o estudo de caso de um espaço público de sociabilidade localizado na zona do Porto de Pelotas.

O Porto de Pelotas, a Vila Doquinhas e o Quadrado

Antes de começar especificamente com esse espaço em particular, é importante contextualizar o bairro do Porto e sua história para compreender melhor as mudanças ocorridas nas últimas décadas. As primeiras iniciativas industriais da cidade ocorreram na zona portuária de Pelotas, que evoluiu de uma indústria artesanal saladeiril baseada nas charqueadas² (VARGAS, 2016) e que empregava principalmente mão de obra da população negra escravizada. Essa área da cidade foi o primeiro espaço planejadamente modificado devido à expansão das atividades industriais no século XIX (BRITTO, 2011, p. 59). Ao longo do século XX, essa região do Porto de Pelotas desempenhou um papel fundamental no processo de industrialização e transformação da cidade³. Ou seja,

(...) A riqueza acumulada nas charqueadas possibilitou o acúmulo de capitais que, investidos em estruturas de transporte ferroviário e marítimo e na modernização urbana, criaram as condições para a

² Lugar onde se produzia o charque: carne salgada, desidratada ao sol. A carne era cortada em mantas, colocando camadas de até dois centímetros de sal, garantindo assim a sua conservação por mais tempo. Posteriormente, a carne salgada era pendurada em varais para secagem através da exposição solar.

³ A instalação do Porto de Pelotas não foi um processo simples, com disputas políticas e fiscais acirradas com a vizinha cidade de Rio Grande, que temia perder arrecadação após a instalação da Alfândega em Pelotas, além de dificuldades das empresas responsáveis pela construção e da própria burocracia estatal. O processo, que começou oficialmente em 31 de dezembro de 1928, com a autorização da União para que o estado começasse as obras portuárias, estendeu-se até 21 de fevereiro de 1940, data da inauguração (SILVA; SIMÕES; GANDRA, 2020).

implementação e expansão das atividades industriais contemporâneas à produção saladeiril e das iniciativas fabris que se seguiram. (SOSA GONZÁLEZ et. al., 2022, p.119)

Essa etapa de industrialização, iniciada nas últimas décadas do século XIX, encontrou seu fim na década de 1980, sendo sucedida por uma forte desindustrialização. A partir de então, essa zona de intensa movimentação operária e produção industrial foi diminuindo até que muitos prédios foram abandonados com o encerramento da maioria das fábricas do bairro. "Desde 1980 até hoje, a atividade econômica na cidade tem migrado constantemente da produção industrial para o setor de prestação de serviços" (BRITTO, 2011, p. 79). Assim, ocorreu um rápido abandono, acompanhado da destruição dos acervos histórico-culturais, da acelerada deterioração dos prédios e até de demolições promovidas pelos interesses imobiliários para a construção de edifícios, o que desqualificou e descaracterizou aquele espaço urbano⁴.

Dessa forma, as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por várias disputas entre interesses privados e públicos em relação aos processos de preservação ou uso dos bens, bem como os dispositivos legais relacionados. Somente com a regulamentação da lei municipal 4.568/2000⁵, ações como a criação de zonas de preservação, o tombamento de alguns exemplares, a elaboração do cadastro de prédios de interesse patrimonial e a preocupação com o entorno dos prédios históricos foram implementadas (ALMEIDA, 2013). Em 2008, com a aprovação do III Plano Diretor da cidade, foram definidas as Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC) e os Focos de Interesse Cultural (FEICs), levando em consideração "os aspectos e as relações entre as características históricas, arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas, incluindo também as práticas sociais identificadas na zona urbana como um todo" (ALMEIDA, 2013, p. 21). Esse ponto é fundamental para compreender a importância dos processos de preservação, bem como o impacto direto nas políticas de preservação da memória e nos próprios usos dos equipamentos. Caso esses aspectos não sejam devidamente contemplados, ocorrerá o que infelizmente será descrito no local observado, o Quadrado.

⁴ Várias denúncias e pesquisas realizadas na UFPel foram decisivas para advertir sobre esses problemas, ao mesmo tempo que ajudaram a criar consciência sobre os problemas dos apagamentos materiais desses vestígios industriais.

⁵ A lei que "declara área da cidade como Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas - ZPPCS - lista seus bens integrantes e dá outras providências" foi atualizada posteriormente pelos decretos 4.490/2003, 4.703/2004 e 5.685/2015.

Dando continuidade às questões histórico-sociais mencionadas acima, no ano de 1900, Pelotas possuía 43.591 habitantes e, em 1950, esse número mais que triplicou, com mais de 81 mil pessoas vivendo na zona urbana. Isso se deve às 413 indústrias em operação na cidade e aos 6.271 operários empregados em fábricas de alimentos, químicos, medicamentos, papel, frigoríficos, curtumes, têxteis, entre outros (MEDVEDOVSKI; CARRASCO & SILVA, 2021, p. 12). Essa população trabalhadora atuava principalmente nas indústrias instaladas na região do Porto de Pelotas, próxima ao centro da cidade, junto ao Canal São Gonçalo. Portanto, a urbanização desse território ocorreu com a ocupação de famílias de operários que, em muitos casos de forma irregular, foram se instalando em terrenos públicos e construindo suas casas no entorno.

Em muitas entrevistas realizadas para o projeto mencionado anteriormente sobre o patrimônio industrial adquirido pela UFPel, assim como em diversas pesquisas de professores e estudantes sistematizadas no referido projeto, é frequente a menção às drásticas mudanças na paisagem urbana da zona do Porto. Como exemplo, cita-se a seguinte entrevista concedida a Daniela Goularte (2021) para sua pesquisa de mestrado:

Então a minha primeira memória com relação ao Porto ela já remete a alguma coisa que me era familiar, [...], dos primeiros anos da minha vida mesmo, porque eu ouvia a chaminé da fábrica, ouvia os trabalhadores, e essa fábrica também foi à ruína ainda quando eu era criança. Então, depois eu encontrei essas ruínas multiplicadas, nesse cenário do Porto, daí eu retorno a uma coisa da infância assim sabe... (A.M.R., 2020).

Com o declínio da matriz econômica industrial, muitas dessas áreas não foram totalmente regularizadas e continuaram, até os dias atuais, sob posse de famílias que, por gerações, vivem nesses imóveis. Nos anos 1980, ocorreram algumas regularizações com a organização de movimentos sociais de posseiros que exigiam o reconhecimento e a garantia de direitos e serviços públicos (MEDVEDOVSKI; CARRASCO & SILVA, 2021). Além disso, com a crise da indústria e as sucessivas crises econômicas vividas, novas ocupações de terrenos e áreas do antigo porto continuaram ocorrendo, e outras ações de regularização têm sido implementadas nos últimos anos, mas ainda não abrangem a totalidade dessas ocupações.

Isso remete ao tema da "subjetividade privatizada" no sistema mercantil, conforme debatido por Figueiredo e Santi (2006, p. 44-45), ao tratarem da mudança da matriz econômica contemporânea, na qual o trabalhador deixa de ter o suporte de uma organização ou de um patrão e passa a ter uma liberdade ilusória, precisando vender sua

mão de obra de forma independente, perdendo assim o salário fixo, o direito à moradia, assistência médica e previdenciária. Ou seja, é um trabalhador livre, mas socialmente desamparado. A crise das indústrias em Pelotas, acompanhando as sucessivas crises econômicas e sociais vividas em nível nacional, colocaram os trabalhadores locais e suas famílias em um contexto de extrema fragilidade.

A Vila Doquinhas⁶, na área do Porto de Pelotas, é um desses espaços que surgiu como resultado desse sistema de desamparo socioeconômico. As moradias foram erguidas por trabalhadores do antigo porto e da área industrial desativada, nos arredores do que antes eram depósitos e docas para descarga e carregamento de produtos em função do porto e da via férrea que passava pela rua Conde de Porto Alegre. A Vila está diretamente relacionada ao que hoje chamamos de Quadrado, um atracadouro de carga e descarga de barcos construído na década de 1950, interligado ao sistema ferroviário (Figura 1). Conforme Reckziegel e Fernandes,

A construção do Quadrado possibilitou que parte do banhado residual e da antiga doca fossem aterrados além de gerar movimentação no local. Isso, adicionado com a desocupação do Gasômetro, comunidade vizinha, tornou a região da Doquinhas um pólo de atração para a moradia, mesmo sem infra-estrutura como água, luz e esgoto. Entretanto, na década de 70 ocorre o fechamento de várias fábricas, tornando o bairro Porto uma zona desprezada. Nesse contexto, de falta de fiscalização, é que surge a comunidade das Doquinhas. (RECKZIEGEL; FERNANDES, 2008, s/p.)

Figura 1 – Fotografia panorâmica do Quadrado desde o Canal São Gonçalo. Ao fundo vê-se estrutura industrial de armazenamento e do lado direito casas da Vila Doquinhas.



Fonte: acervo fotográfico dos autores.

⁶ Conforme Inchauspe e Neto (2019, s/p), “os habitantes mais velhos da cidade costumam referir-se ao cais pelo nome de ‘Doquinhas’, já que esta era a função inicial da estrutura e é o nome que atualmente designa a vila de pescadores ao lado do Quadrado”.

A desativação do atracadouro para uso portuário e industrial e a ocupação das antigas docas pelas moradias populares deram novos usos ao lugar. O Quadrado passou, assim, desde os anos 1980, a ser frequentado pela juventude e pela população da periferia em momentos de lazer e para ter acesso à paisagem do Canal São Gonçalo⁷ (Figura 2). Transformado atualmente em uma espécie de parque urbano, como veremos adiante, o local ficou conhecido na cidade de várias maneiras: como um ponto de observação do nascer do sol pelos jovens que saem das festas, como um local para venda e consumo de drogas ilícitas, como um espaço para desfrutar de um chimarrão com amigos ou para a prática de pesca esportiva.

Figura 2 – Quadrado à esquerda, ao lado a Vila Doquinhas, e à direita o Porto de Pelotas.



Fonte: Google Maps.

As transformações nessa área, com a reutilização dos edifícios industriais e a revalorização dos espaços públicos, ocorreram a partir do final da década de 1990. Nesse contexto, é fundamental observar o papel da Universidade Federal de Pelotas - UFPel,

⁷ Via fluvial com 76Km de extensão que faz a ligação entre a Lagoa Mirim e a Lagoa dos Patos. A região portuária e antiga zona industrial de Pelotas está localizada às margens deste Canal.

que adquiriu, entre os anos de 1996 e 2010, diversos prédios industriais desativados, com a intenção de requalificá-los para uso acadêmico. Isso também permitiu abrigar antigos e novos cursos, uma vez que a Universidade teve um crescimento significativo nas décadas de 1990 e 2000, demandando espaços para seus departamentos, núcleos e novos cursos. Atualmente, estão localizados na área às margens do Canal São Gonçalo e/ou ocupando edifícios industriais o Instituto de Ciências Humanas, o Centro de Artes, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o Centro de Engenharias, a Editora da Universidade e o Campus Anglo, que abriga a reitoria e diversos cursos da UFPel.

O projeto mencionado "História, memória e patrimônio industrial adquirido pela UFPel: Memórias dos lugares de produção de Pelotas", do Programa de Pós-graduação em História, contribui para a valorização desse território. Por um lado, o projeto sistematiza o que já foi desenvolvido sobre o tema por meio de pesquisas realizadas por professores e estudantes de diversos cursos e áreas do conhecimento, incluindo outras pesquisas relacionadas ao tema, trabalhos apresentados em eventos científicos, publicações acadêmicas, TCCs, dissertações e teses⁸. Por outro lado, o projeto trabalha na produção de fontes e na análise das memórias do trabalho, que ainda estão vivas, retratando a transformação desses espaços que deixaram de ser lugares de produção industrial e agora fazem parte da memória daqueles que ali atuaram. Com a aquisição pela UFPel, esses edifícios industriais receberam novos usos. Houve uma revitalização e refuncionalização que devem ser trabalhadas intensamente para estabelecer continuidades e rupturas em relação ao passado, valorizando esses lugares que condensam ricas e variadas memórias e não silenciando a história que eles carregam. Para isso, tem sido necessário envolver as novas gerações, aquelas que agora desfrutam desses bens patrimoniais, gerando e divulgando esse conhecimento, para que possam conectar o passado do local com a história da cidade e da região como um todo.

Através do *website* do mencionado projeto, é possível ter uma dimensão desses bens adquiridos e de seus usos atuais⁹. A título de exemplo, destaca-se o fato de que a reitoria da Universidade funciona no prédio de maior volume e importância na história industrial da cidade, o antigo Frigorífico Anglo. Além disso, o Instituto de Ciências

⁸ Uma parte importante desse processo de sistematização foi publicada no livro organizado por MICHELON, Francisca, "*O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*", publicado em 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em 12/05/2023.

⁹ UFPel. *Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimoniointustrial/o-projeto/patrimonio-industrial-adquirido-pela-ufpel/>. Acesso em 12/05/2023.

Humanas ocupa uma antiga fábrica de lã localizada a quatro quadras do Quadrado (Figura 1). O paradoxo dessas reutilizações é que na zona circundante desses edifícios, hoje requalificados como espaços de ensino, com grande fluxo de jovens estudantes, ainda residem moradores remanescentes dessas habitações irregulares, desassistidos pelas políticas públicas.

Ainda na última década, com o breve crescimento econômico vivido pelo país, algumas indústrias e o próprio Porto de Pelotas foram reativados na região. Essas fábricas passaram a conviver com estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes e casas noturnas que surgiram no bairro Porto desde a ocupação do espaço pela universidade, suprimindo a demanda de lazer e cultura da população jovem universitária. Ao caminhar pela região hoje, é possível observar muros e prédios preenchidos por grafites e outras expressões artísticas e reivindicações das demandas educacionais da juventude. À noite, principalmente nos fins de semana, as ruas são tomadas por jovens que bebem em frente aos bares, ao mesmo tempo em que abrem espaço para a passagem de caminhões carregados com grandes troncos de eucalipto, que adentram o cais do porto para a exportação.

Durante muito tempo, a Doquinhas e o Quadrado foram estigmatizados, embora isso seja menos evidente na atualidade. O lugar entrou para o imaginário de parte da população pelotense, que vive no centro ou em áreas privilegiadas da cidade, como uma região perigosa, associada à violência, ao tráfico e ao consumo de drogas. Por outro lado, essa percepção da localidade também encobre o que há de mais cruel na formação das cidades neoliberais: a criminalização da pobreza urbana e o racismo institucionalizado.

Dentro desse contexto de mudanças e transformações das últimas duas décadas, o bairro Porto em Pelotas tem sido um lugar onde as lutas pela ressignificação do espaço continuam vivas e latentes, tanto através de iniciativas acadêmicas que denunciam, por meio de diversas pesquisas, a situação do local e a necessidade de um esforço conjunto para a real preservação da área, quanto pelas lutas provenientes da sociedade civil organizada. Entre os anos de 2014 e 2015, com a reativação do Porto de Pelotas para o carregamento de madeira, houve interesse de investidores sul-coreanos em reativar o Quadrado como base para atracação de navios.

Conforme notícias veiculadas na imprensa local, a área seria cercada para restringir o acesso ao local onde os operários trabalhariam nos navios. Diante disso, começou a se organizar um grande movimento popular contrário a esse projeto. Surgiu

então o movimento *#OcupaQuadrado*, que utilizou as redes sociais para manifestações e reuniu moradores, jovens e artistas da cidade em protestos públicos contra o cercamento e as alterações na paisagem que ocorreriam com a privatização do local (Figura 3). As ocupações do Quadrado por meio de ações artísticas, como apresentações de artistas e festas de música e dança abertas, ocorreram em diversos momentos durante os anos de 2014 e 2015, ressignificando o local por meio do uso cultural do espaço e destacando a função social do Quadrado e a relação afetiva construída pela comunidade, especialmente pelos jovens universitários, com aquele espaço público. Conforme uma reportagem que entrevistou frequentadores da época:

O Quadrado assume o papel de ponto turístico em uma cidade onde o acesso à praia se torna distante para quem mora no centro e não possui transporte próprio. O contato com a natureza e o público eclético são destacados como os maiores atrativos, contudo, a má conservação do local e dos acessos são considerados fatores que colocam o Quadrado como o “patinho feio” entre os pontos turísticos do município. (DIÁRIO POPULAR, 10/08/2014)

Figura 3 – Imagem utilizada para divulgação das intervenções do Movimento *#OcupaQuadrado* nas redes sociais em 2014-2015.



Fonte: DIÁRIO DA MANHÃ, 03/09/2014.

A falta de investimento público e conservação desses espaços, que leva à sua lenta degradação e foi denunciada na reportagem da imprensa da época do movimento de ocupação cultural do Quadrado, faz parte do processo de desgaste desses espaços para a implementação de projetos externos sob a retórica de produzir melhorias econômicas e urbanas, mas que de fato beneficiam setores restritos detentores do poder econômico. Isso

exemplifica bem o que Farias e Doniz (2018, p. 287-288) chamaram de "destruição criativa", própria das cidades neoliberais, que, para garantir a reprodução do capital, atuam com o discurso de construir algo novo, passando por cima dos bens de referência da população local e de suas tradições. Isso ocorre quando o poder público está associado a interesses privados, concedendo terrenos coletivos e promovendo a expulsão das populações vulneráveis, muitas vezes com o uso da violência por parte das forças de segurança.

No caso do Quadrado, o empreendimento que privatizaria o atracadouro não foi adiante. Na localidade, surgiu em 2016 o Instituto Hélio D'Angola, em homenagem a um dos líderes do movimento *#OcupaQuadrado*. Hélio, que faleceu em 2015, manteve um quiosque nos arredores do Quadrado nos anos 1990, que se tornou o Espaço Cultural Katangas, referência para artistas independentes, e lutou contra diferentes ações dos poderes públicos que tentavam retirá-lo do local (DIÁRIO DA MANHÃ, 13/10/2017). Em 2017, a Superintendência do Porto do Rio Grande (SUPRG), por meio de um termo de cessão, repassou a área do Quadrado, onde funciona o Instituto Hélio D'Angola, para a Prefeitura de Pelotas. A partir dessa ação, uma série de melhorias foi implementada na localidade, com apoio financeiro da empresa concessionária do Porto de Pelotas, que também tem auxiliado na manutenção das atividades culturais e sociais do Instituto Hélio D'Angola (DIÁRIO DA MANHÃ, 07/08/2017).

Além disso, próximo ao Quadrado e como parte desse processo de luta pelo direito à cidade, do qual o movimento *#OcupaQuadrado* fez parte, surgiu em 2012 um evento chamado "Sofá na Rua". Através de um sofá colocado em uma travessa localizada entre duas indústrias desativadas e em frente ao Porto, são realizadas inúmeras apresentações das mais variadas modalidades artísticas em um domingo do mês. As atividades do Sofá na Rua ocorrem durante todo o dia, com significativa aderência junto à população jovem e universitária, momento em que também são realizados debates públicos sobre os direitos humanos, sociais e o direito à cidade, além de feiras livres. O evento continua em funcionamento, tendo resistido ao período da pandemia COVID-19, e possui grande apelo junto à comunidade jovem e universitária da cidade.

Sobre o Sofá na Rua, Inchauspe e Neto (2019, s/p) explicam:

(...) o evento vai se remodelando a partir de determinadas pautas que se integram ao decorrer dos meses que acontecem as atividades (exemplo: festa junina - junho ou 'julina' – junho (sic), hip-hop, rap, skates, teatro, cinema, e outras datas comemorativas) ou propósitos que são construídos e criados.

No centro das duas paralelas (Conde de Porto Alegre e José do Patrocínio) fica o palco principal onde lá a partir de determinado período é que se remodifica este espaço e toma outra 'noção' da rua - das experimentações afetivas.

O sucesso desse movimento, que se impôs ao processo de privatização do espaço público, deve-se à ampla aceitação popular, à participação ativa dos artistas, da universidade e da juventude engajada na ressignificação do espaço público. Esse engajamento encontrou apoio na comunidade, como pode ser comprovado por meio de uma rápida pesquisa nas redes sociais, onde é possível encontrar fotos e comentários que fazem referência à localização do Quadrado. O local continua sendo frequentado por uma grande diversidade de pessoas, que vai além da população universitária do entorno.

O Quadrado e seus lados

Desde uma abordagem fenomenológica, busca-se compreender as experiências humanas no espaço do Quadrado, assim como os significados e sentidos atribuídos pelos indivíduos àquele ambiente urbano. Realiza-se, então, a análise de conteúdo das redes sociais e observações *in loco*, com o objetivo de identificar aspectos subjetivos que influenciam as percepções das pessoas em relação ao Quadrado, como as emoções e as memórias. Além disso, é importante considerar as questões históricas, culturais, sociais e políticas que permeiam o local e se manifestam no "fazer-cidade", conforme destacado por Michel Agier (2015, p. 291), que compreende esse processo como "sem fim, contínuo e sem finalidade", uma "construção permanente" de ação e deslocamento. O Porto de Pelotas, como mencionado anteriormente, é um espaço propício para observar esse movimento e seu impacto nas coletividades e subjetividades das pessoas.

Um exemplo disso se verifica em espaço de opinião dos leitores do Jornal Diário Popular, em uma breve nota intitulada "O outro lado do Quadrado", publicada em 28/12/2012, na qual um leitor escreveu o seguinte:

Faz mais de trinta anos que frequento as Doquinhas. **Quando tinha que chorar** eu ia para as Doquinhas. **Comemorar. Estudar. Sonhar. Falar de amor** com a pessoa amada. As Doquinhas sempre foram meu destino. Até mesmo pescar as Miraguias psicodélicas tentei num Quadrado muito além da imaginação. E **quando eu não tinha nada para fazer** também ia para as Doquinhas. **Diversidade** sempre foram as Doquinhas.

O grande diferencial das Doquinhas é que **ninguém quer ver ou ser visto e sim ser o que é**, sem máscaras, demagogia ou hipocrisia. As Doquinhas são **um patrimônio espiritual de Pelotas**, pois do craqueiro implorando por migalhas de vida ao empresário bem ou mal-sucedido dividem seu espaço na paz e no amor. As Doquinhas são **uma ilha de magia ou um oásis com ar puro** na Pelotas do início do século 21 onde

a liberdade fala mais alto que todas as opressões do sistema contemporâneo. (DIÁRIO POPULAR, 28/12/2012, grifo dos autores)

Também é possível observar nas redes sociais, em comentários da internet, esse mesmo sentimento de apego pelo espaço do Quadrado por parte de outros jovens. Publicamente, inúmeras fotos com a localização "Quadrado" são marcadas em várias redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e o portal *TripAdvisor*.

No *Instagram*, ao pesquisar pela localização "Quadrado, Zona Portuária, Pelotas, Brasil", é possível ter acesso a diversas fotografias de usuários da rede que capturam detalhes e imagens da paisagem ou fazem *selfies* no lugar. Em menor número, encontram-se fotos de casais, famílias e pessoas com seus cãesinhos de estimação. Uma parte significativa das pessoas traz suas cuias de chimarrão nas mãos, um costume presente no Rio Grande do Sul e em países da região platina. Nas legendas das fotos, também presentes no *Facebook*, encontramos frases como: "Um lugar para relaxar dentro da cidade"; "Reencontrando os amigos em Pelotas"; "Um dia de frio desses por aí fugindo da rotina"; "Dia de colocar o papo em dia e aproveitar esse rico sol"; "O tempo é precioso. Tenha certeza de que está gastando com as pessoas certas"; "Todos precisamos de um porto seguro. Um lugar onde podemos retomar e ancorar depois de explorar as profundas águas do mar da vida. Um lugar de descanso e conforto emocional que nos prepara para novas viagens"; "Dias quentinhos que alegram o coração"; "Um final de sábado de paz e amor...".

Ao reunir 50 dessas frases, legendas de fotos e comentários que expressam algum tipo de percepção e sentido pessoal sobre o lugar, retiradas das duas redes sociais e do *TripAdvisor*, e utilizando um aplicativo que constrói nuvens de palavras, é possível ter uma dimensão das expressões e sentimentos que estão implícitos nas relações das pessoas com o lugar (Figura 4). As frases mais citadas envolvem a palavra "chimarrão", entendendo o lugar como um espaço de convívio com amigos ou de tomar o mate sozinho, o que remete a uma certa introspecção, tanto que as palavras "amigos", "acompanhado" e "sozinho" também aparecem. Além disso, destacam-se as palavras "dia" e "sol", provenientes de comentários que afirmam ser um lugar "seguro" durante o dia para apreciar a paisagem com os amigos, ouvir música e contemplar a vista.

Figura 4 - Nuvem de palavras com legendas de fotos do Quadrado nas redes sociais

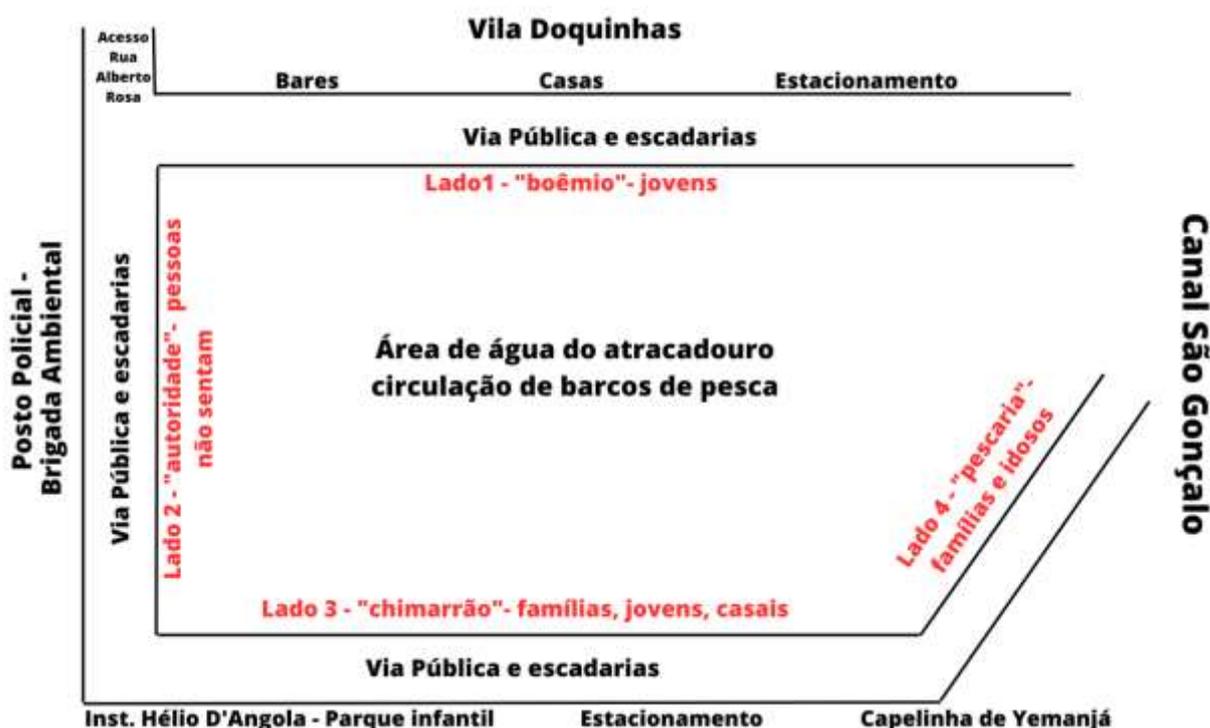


Fonte: elaboração dos autores a partir da ferramenta <https://infogram.com/>

Ao observar as pessoas no lugar, é o que de fato se vê com mais frequência: jovens e adultos com suas cuias de chimarrão, em grupos ou sozinhos. Durante oito observações realizadas no Quadrado¹⁰ entre os meses de maio e junho de 2022, com duração de 90 a 120 minutos cada uma, sendo quatro em dias de semana e quatro em finais de semana, ficou muito evidente a setorização do Quadrado de acordo com os usos do lugar e a diversidade de seus frequentadores. Vale salientar que as pessoas utilizam as largas escadarias de acesso à água do embarcadouro, presentes em três dos quatro lados, para atividades de lazer, enquanto na área de encontro com o canal São Gonçalo não existem escadarias, mas sim calçadas, onde as pessoas também socializam. Cada lado do antigo embarcadouro parece estar destinado a práticas distintas e a diferentes públicos (Figura 5).

¹⁰ As observações foram realizadas pelo autor Darlan De M. Marchi, graduando em Psicologia na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no contexto da disciplina de “Práticas em Psicologia: observação e descrição” ministrada pela professora Maria Clara Salengue.

Figura 5 – Representação em Planta baixa do Quadrado



Fonte: elaboração dos autores com base nas observações realizadas.

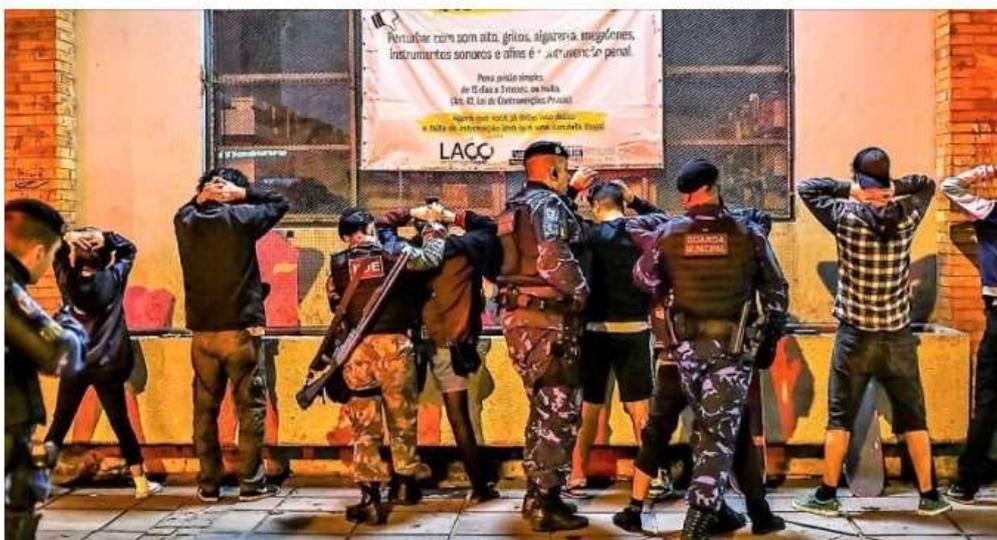
Do lado 1, denominado nesta pesquisa como "boêmio" e localizado próximo à Vila Doquinhas e aos bares, observam-se muitos jovens sentados nas escadarias ou ao lado de seus carros estacionados, ouvindo músicas de vários tipos. Nesse lado, uma boa parte desses jovens consome bebidas alcoólicas e fuma cigarros tradicionais e cigarros de maconha, tanto sozinhos como em grupo. O uso dessas substâncias ocorre principalmente no canto leste, próximo ao entroncamento com a Vila e o Canal São Gonçalo. Percebe-se uma grande concentração de jovens negros no local durante a semana, e no fim de semana eles são acompanhados por outros jovens de outras áreas da cidade. É comum ver pessoas solitárias bebendo e fumando, ouvindo música alta e contemplando a paisagem.

Nas escadarias do atracadouro do lado 2, localizado em frente ao Posto da Brigada Militar, em nenhuma das observações foram encontrados grupos de jovens ou pessoas sentadas em grupo, por isso é chamado aqui de lado "autoridade". A Patrulha Ambiental da Brigada Militar (Patram-BM) foi instalada na localidade em 2019, como parte de um projeto de requalificação do acesso ao Quadrado, que incluiu o asfaltamento da Rua Alberto Rosa, realizado pela Prefeitura de Pelotas, dentro de um projeto maior chamado

"Pacto Pelotas pela Paz"¹¹ (Figura 6). O controverso projeto Pacto Pelotas pela Paz chama a atenção para o que o poder público geralmente considera como políticas de combate à violência e criminalidade: o investimento em órgãos de segurança e ações repressivas em espaços de socialização da juventude.

Figura 6 – Jovens abordados por força policial na região do Porto em Pelotas.

PACTO PELOTAS PELA PAZ MOBILIZA A CIDADE NO COMBATE À VIOLÊNCIA



Fonte: manchete de imprensa. (DIÁRIO DA MANHÃ, 10/08/2017).

Quando se observa em conjunto os lados 1 e 2 do Quadrado, é possível refletir sobre as políticas públicas e/ou a falta delas para as juventudes brasileiras. Nas cidades brasileiras, nota-se a invisibilização da juventude devido à falta de espaços onde esses indivíduos, que estão se constituindo como cidadãos, possam compartilhar vivências, medos e experiências coletivas, enfrentando as tensões e transgressões próprias da idade. De um lado do Quadrado encontra-se o bar, a bebida e as drogas (que são consumidas com discrição), e do outro a autoridade repressiva, enquanto entre os dois lados há o vazio do Estado, que cada vez menos investe em políticas de educação e cultura. A ausência de políticas públicas abrangentes para a juventude, que realmente ouçam e incluam essa parcela da população sem impor ações verticalizadas, é uma realidade ainda muito presente nas cidades. A negação da juventude é influenciada pelo olhar construído no

¹¹ PREFEITURA DE PELOTAS. Parceria resulta em nova sede para a Patram. Disponível em: <https://pelotas.rs.gov.br/noticia/parceria-resulta-em-nova-sede-para-a-patram>. Acesso em 16/06/2022.

contexto das cidades neoliberais, que marginalizam os jovens das periferias. Conforme Paiva e Oliveira (2015, p. 46), "o projeto neoliberal reflete-se nas respostas penais oferecidas pela sociedade diante de situações de desordem e criminalidade, que têm sido essencialmente punitivas e direcionadas às classes subalternas".

Nos lados 3 e 4 do Quadrado, denominados respectivamente de "chimarrão" e "pescaria", é possível observar outro grupo de frequentadores. Nestes lados, circulam crianças brincando no parquinho infantil junto com seus pais, e na lateral há várias famílias, principalmente homens idosos, pescando no Canal São Gonçalo. As pessoas geralmente estão estacionadas com seus carros, de frente para o Canal, dedicadas à pesca. É comum ver famílias inteiras pescando, bem como alguns senhores frequentadores assíduos que estiveram presentes em quase todas as observações realizadas. De costas para o Quadrado, esses pescadores esportivos concentram sua atenção na vastidão da paisagem, aguardando a fígada do peixe. São lados silenciosos, sem música alta, interrompidos apenas por algumas conversas, risadas e brincadeiras de crianças. Nas escadarias laterais do lado 3, também é possível observar alguns jovens, sozinhos ou em grupo, na maioria com carros ou bicicletas.

Apesar desses diferentes usos em cada um dos lados, sobrevive no Quadrado um sentimento de compartilhamento. Apesar da vida agitada da cidade, o lugar próximo ao centro da cidade possui uma aura de partilha entre grupos diversos. Existe ali um sentimento compartilhado de pertencer à cidade, agir sobre o lugar e ser afetado por ele, de fazer parte do local por meio do lazer, do contato com a natureza e dos encontros.

A solidão é algo que permeia todos esses lados, algo que une as pessoas que frequentam o Quadrado. Mesmo em momentos e espaços coletivos, vemos indivíduos interagindo com seus aparelhos celulares, com seus fones de ouvido. As pessoas fazem parte da paisagem voltadas para si mesmas, ou então absorvidas pelas interações com pessoas e conteúdos virtuais por meio do celular. Se, por um lado, o Quadrado é um lugar de encontro, por outro, pode-se considerá-lo um lugar para vivenciar a solidão em grupo. É possível observar várias pessoas solitárias, ouvindo sua música, fumando seu cigarro, bebendo sua cerveja, mas ao lado de outras pessoas. Mesmo sem um contato direto com os outros, sem conversas e trocas, há o compartilhamento de um momento. Opta-se por sair de casa, por buscar um refúgio público para expressar a solidão. A pesca é um momento de reflexão, solidão e lazer. Ao lançar a linha na água, aqueles homens e

mulheres alinhados à beira do Canal estavam ali solitários e, ao mesmo tempo, unidos, pois compartilhavam com desconhecidos a mesma atividade no mesmo espaço.

Algumas poucas notícias de imprensa disponíveis na internet relatam possíveis suicídios ocorridos na área do Quadrado. São notícias que mencionam jovens adultos encontrados afogados nas águas do atracadouro. Entretanto, como esse tema ainda é um tabu social, pouco se sabe sobre o número e as motivações desses incidentes no local¹². No caso dos jovens, possivelmente o vazio resultante dos tempos em que vivemos, em que a depressão e a ansiedade são também consequências da desigualdade social, da falta de políticas de educação, emprego, saúde e cultura, pode levar a casos de suicídio. Portanto, o Quadrado também pode ser um lugar para vivenciar a melancolia e a solidão patológica.

Para concluir, é pertinente refletir com base na teoria de Gilles Lipovetsky (2004) e na ideia da hipermodernidade. Com o fim da tradição como a conhecíamos, quando cada pessoa tinha um lugar determinado na ordem social, a pós-modernidade colocou o indivíduo em primeiro plano, em detrimento do coletivo. Os desejos individuais e a realização pessoal passaram a ser a base para manter o sistema em ordem. O hedonismo, o consumo em busca de status e a lógica da moda afetaram e continuam afetando todas as classes sociais. É com base nesses eventos que Lipovetsky argumenta sobre a ideia do hiperconsumo, do hipernarcisismo e da hipermodernidade.

Entretanto, a hipermodernidade lipovetskyana faz um contraponto ao niilismo da pós-modernidade. Lipovetsky (2004) afirma que as relações humanas têm grande valor para o sujeito hipermoderno e que, mesmo com o rompimento das tradições, o hiperindivíduo desenvolveu uma maneira de apreciar as relações, mesmo que de forma individualizada e com autonomia. Há uma visão de futuro na insegurança, segundo o autor. O medo do que está por vir faz com que haja investimentos em pesquisas e medicamentos, por exemplo.

Esse mesmo medo de perda, o medo das incertezas do futuro, faz com que os jovens se unam e ocupem o Quadrado, ocupem as ruas e os prédios industriais abandonados e os preencham de vida, ressignificando as ruínas e denunciando o sistema que os oprime. Enquanto a força devoradora do capital renova o Porto de Pelotas, bem ali ao lado, persiste uma ocupação com trabalhadores, estudantes, pescadores, catadores de

¹² O Sul do Brasil é a região com maior incidência de suicídios no país, como demonstra análise dos dados de 1990-2015, resultado de elementos “relacionados com uma complexa combinação de condicionantes socioculturais, econômicos e psicobiológicos” (PALMA; SANTOS; IGNOTTI, 2015).

materiais recicláveis. Esses sujeitos invisíveis insistem em existir e revelam a face cruel da falta de políticas públicas, ao mesmo tempo em que resistem em grupo a um sistema que insiste na individualidade.

Considerações finais

A partir de uma observação prolongada no antigo atracadouro conhecido como Quadrado, localizado na região do Porto de Pelotas, surge uma reflexão sobre a produção social desse lugar ao longo dos anos, desde sua construção na década de 1950. O poder público tem realizado intervenções visando garantir a segurança e melhorar o acesso, o que pode valorizar o espaço e, eventualmente, promover sua privatização, resultando em uma "gourmetização" da região e restringindo o acesso ao Canal. Por outro lado, na Vila Doquinhas, muitas pessoas ainda não possuem direitos de propriedade sobre os terrenos e imóveis onde residem.

Além disso, o lugar convida a refletir sobre as múltiplas subjetividades presentes no Quadrado atualmente, nas diversas formas como seus frequentadores utilizam o espaço e nos sentimentos que ele desperta. É um local aberto, democrático e diverso, onde é possível encontrar alguém nostálgico ao som de uma música dos anos 1980, ouvir forró no bar da esquina e até mesmo funk e rap tocando nos carros dos jovens que compartilham mate ou cerveja no entorno. Sintetizar as relações que as pessoas estabelecem no Quadrado por meio de adjetivos não é suficiente para capturar a complexidade do observado. O lugar é local de trabalho para pescadores e para a polícia presente ali, é um lugar de moradia para a população de Doquinhas, de lazer para famílias, de encontro para casais, de conversas e reuniões em grupo, de compartilhamento de experiências e de solidão. Além disso, é um lugar onde usuários de drogas recreativas se encontram e onde esportistas praticam atividades físicas. O Quadrado é um lugar que ainda apresenta certa resistência à cidade neoliberal, uma cidade-mercadoria que separa e define espaços para pessoas com base em categorias como idade, classe, sexualidade e gênero.

Por fim, é importante refletir sobre a relação entre as transformações urbanas, o campo do patrimônio cultural, em particular o patrimônio industrial, e as oportunidades de pesquisa baseadas nas narrativas orais dos diversos atores que ocupam, habitam ou já habitaram aquele lugar. Essas oportunidades surgem em conjunto com as ações promovidas por grupos organizados que resistem aos processos de privatização e buscam se reapropriar desses espaços, estabelecendo laços de pertencimento e afetividade.

Quando os processos de preservação e reutilização dessas antigas fábricas e seus entornos são verdadeiramente participativos, incorporando as memórias dos trabalhadores e trabalhadoras, assim como as experiências vividas por aqueles que hoje utilizam e têm um forte vínculo emocional com essa paisagem de produção, garante-se uma continuidade. Ao integrar as múltiplas vozes por meio de uma participação ativa e representativa, é possível fortalecer espaços de compartilhamento de histórias e experiências (BAUER; BORGES, 2018), como é o caso dos antigos locais de produção industrial na Zona do Porto de Pelotas. Dessa forma, seguindo a perspectiva de Portelli (2018), a recuperação e reutilização desses espaços não trairiam a história, mas, ao contrário, proporcionariam melhor compreensão e valorização do legado dessa atividade produtiva do passado no presente.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, p. 483-498, 2015.

ALMEIDA, Guilherme Pinto de. Porto Memória. *Jornal Diário da Manhã*, Pelotas, 2013.

BAUER, Letícia; BORGES, Viviane Trindade (Org.). História oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BRITTO, Natalia Daniela. Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

DIÁRIO DA MANHÃ. Cidadania no Quadrado: Instituto Hélio D'Angola completa primeiro ano. Pelotas, 13/10/2017. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/cidadania-no-quadrado-instituto-helio-dangola-completa-primeiro-ano/>. Acesso 13/05/2023.

DIÁRIO DA MANHÃ. Estado cede área do Quadrado para a Prefeitura de Pelotas. Pelotas, 08/08/2017. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/estado-cede-area-do-quadrado-para-a-prefeitura-de-pelotas/>. Acesso em 13/05/2023.

DIÁRIO DA MANHÃ. Helio Katangas transformou o Quadrado em cultura urbana. Pelotas, 02/10/2015. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/helio-katangas-transformou-o-quadrado-em-cultura-urbana/>. Acesso em 16/06/2022.

DIÁRIO DA MANHÃ. MASP e Doquinhas: dois quadrados paralelos. Pelotas, 03/09/2014. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/masp-e-doquinhas-dois-quadrados-paralelos/> Acesso 12/05/2023.

DIÁRIO DA MANHÃ. Pacto Pela Paz mobiliza a cidade no combate à violência. Pelotas, 10/08/2017. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/pacto-pelotas-pela-paz-mobiliza-a-cidade-no-combate-a-violencia/>. Acesso em 13/05/2023.

DIÁRIO POPULAR. Opinião. Pelotas, 28/12/2012. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opinioao/o-outro-lado-do-quadrado-1523/>. Acesso em

09/05/2022.

DIÁRIO POPULAR. Um domingo para ocupar o Quadrado. Pelotas, 10/08/2014. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/geral/um-domingo-para-ocupar-o-quadrado-87381>. Acesso em 23/05/2022.

FABRE, Daniel. Le patrimoine porté par l'émotion. In: Fabre, Daniel (sous la direction de). Émotions patrimoniales. Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, coll. « Ethnologie de la France », cahier n° 27, 2013. p.13-98.

FARIAS, Tadeu M.; DINIZ, Raquel Farias. Cidades neoliberais e direito à cidade: outra visão do urbano para a psicologia. Revista Psicologia Política, v. 18, n. 42, p. 281-294, 2018.

FERREIRA NETO, João Leite. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, 16(1): 111-120, jan.-jul. 2004.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; SANTÍ, Pedro Luiz Ribeiro de. Psicologia: uma (nova) introdução. São Paulo: EDUC. 2006.

GIANNELLA, Letícia de C. A produção histórica do espaço portuário da cidade do Rio de Janeiro e o projeto Porto Maravilha. Espaço e Economia [Online], n. 3, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.445>. Acesso em 13/05/2023.

GOULARTE, Daniele Vieira. Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas, 2021.

INCHAUSPE, Ícaro Vasques; NETO, Francisco Luiz Pereira da Silva. O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP (online), n. 24, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/7656>. Acesso em 20/06/2022.

LEITE, Rogério Proença; PEIXOTO, Paulo. Políticas urbanas de patrimonialização e contrarrevanchismo: o Recife Antigo e a Zona Histórica da Cidade do Porto. Cadernos Metrópole, n. 21, 2009.

LIPOVETSKY, Guilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer; CARRASCO, André de O. T.; SILVA, Fernanda L. Direito à Cidade e Habitação: Condicionantes institucionais e normativas para a implementação de políticas (programas e projetos) de urbanização de favelas no Município de Pelotas-RS. Relatório de pesquisa. Observatório das Metrópoles, 2021. Disponível em: https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Final_Pelotas_UFPEL.pdf Acesso em 13/05/2023.

MICHELON, Francisca (org.). O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas [recurso eletrônico]. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em 12/05/2023.

PAIVA, Ilana Lemos de; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Juventude, Violência e Políticas Sociais: da criminalização à efetivação de Direitos Humanos. In: SCISLESKI, Andrea; GUARESCHI, Neuza. Juventude, marginalidade social e direitos humanos: da psicologia às políticas públicas. EDIPUCRS, 2015, p. 48-63.

PALMA, Danielly Cristina de Andrade; SANTOS, Emerson Soares dos; IGNOTTI,

Eliane. Análise dos padrões espaciais e caracterização dos suicídios no Brasil entre 1990 e 2015. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020.

PELOTAS. Lei nº 5.502 de 2008. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências.

PELOTAS. Lei nº 4.568/2000. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC’s - lista seus bens integrantes e dá outras providências.

PORTELLI, Alessandro. Prefácio. In: MATOS, Ana Cardoso de. *Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018.

PREFEITURA DE PELOTAS. Parceria resulta em nova sede para a Patram. Disponível em: <https://pelotas.rs.gov.br/noticia/parceria-resulta-em-nova-sede-para-a-patram>. Acesso em 16/06/2022.

PREFEITURA DE PELOTAS. Quadrado ganha vida nova com acesso qualificado. Disponível em: <https://pelotas.rs.gov.br/noticia/quadrado-ganha-vida-nova-com-acesso-qualificado>. Acesso em 16/06/2022.

RECKZIEGEL, Simone; FERNANDES, Gabriel Silva. Memórias da comunidade das Doquinhas-lembranças de seus moradores. *Anais do X Encontro de Pós Graduação UFPL*. Pelotas: UFPel, 2008. Disponível em: https://www2.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/SA/SA_00061.pdf. Acesso em 13/05/2023.

SILVA, Thiago Cedrez da; SIMÕES, Elvis Silveira; GANDRA, Edgar Ávila. “Do papel para a edificação”: uma análise do percurso histórico da instalação do Porto Público de Pelotas-RS. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 158, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/94551>. Acesso em 14/05/2022.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. Patrimônio industrial: um legado para conhecer, reconhecer e preservar”. In: MICHELON, Francisca (org.). *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas [recurso eletrônico]*. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869> Acesso em 18/06/2022.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. A UFPel, a cidade de Pelotas e seu patrimônio industrial: uma reflexão e sistematização a partir do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”. In: MICHELON, Francisca (org.). *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas [recurso eletrônico]*. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869> Acesso em 18/06/2022.

SOSA GONZÁLEZ, A. M. et. al. “Transmissão e reconhecimento do patrimônio industrial adquirido pela UFPel: caminhos para sua musealização”. *Revista Memória em Rede, Pelotas*, v.14, n.27, Jul/Dez, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/23438> Acesso em 18/09/2022.

UFPEL. Patrimônio Industrial adquirido pela UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioindustrial/o-projeto/patrimonio-industrial-adquirido->

pela-ufpel/. Acesso em 16/06/2022.

VARGAS, Jonas M. Os barões do charque e suas fortunas: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos Editora, 2016.